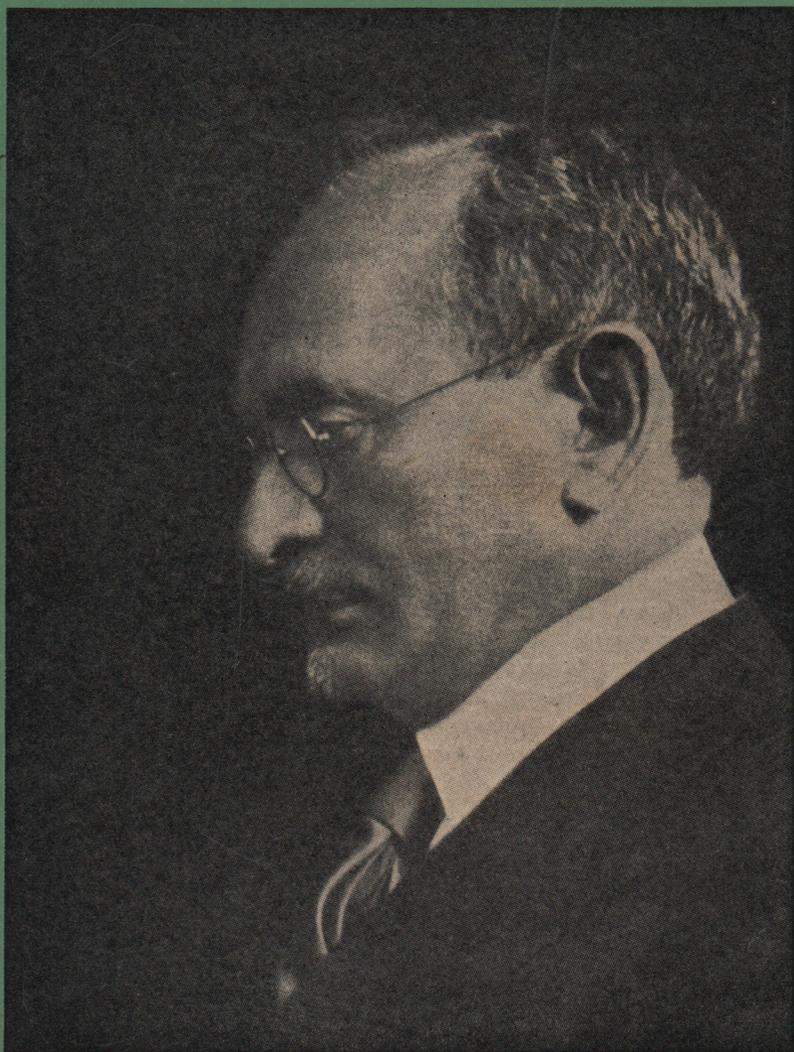




VOL. II - N.º 4  
1969

# revista brasileira de **PSICANÁLISE**



## NOTICIÁRIO ESPECIAL

### PSICANALISTA QUE SE APOSENTA

No dia 2 de outubro de 1968, na sede da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, foi realizada uma homenagem de despedida ao nosso querido colega Dr. Flávio Rodrigues Dias, que se aposentou.

O Dr. Flávio Dias foi saudado por D.<sup>a</sup> Judith Teixeira de Carvalho Andreucci, tesoureira, e pelo Dr. Durval Marcondes, Presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise, que fez, de improviso, um breve relato da maneira como conheceu o colega que se despedia e dos primeiros tempos da luta que culminou com a fundação da primeira sociedade de psicanálise do Brasil.

Flávio Dias foi dos primeiros psicanalistas que clinicaram entre nós e um dos fundadores da nossa Sociedade. Após muitos anos de trabalho honesto e profícuo, retira-se agora para gozar de merecido descanso. Ao se despedir dos colegas, lembrou em carinhoso discurso, cheio de emoção, o seu passado de psicanalista. Recordou os primeiros anos, falou do seu "namôro com a Psicologia" . . . ainda no ano de 1923, quando no 3.<sup>o</sup> ano da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nessa época, em aulas do Prof. Dreyfuss e logo em seguida do Prof. Radecky, travou conhecimento com a jovem ciência. Foi quando se criou o primeiro laboratório de psicologia experimental, que funcionava na Colônia de Alienados de Engenho de Dentro. Foram tempos difíceis, pois o nosso colega teve que se defrontar "com a indiferença, prevenção e até desprezo contra a Psicologia", isto tudo criando uma campanha surda contra o Professor e seus seguidores. . . Faz referência ao início da Psicanálise em São Paulo, através do inescusável Franco da Rocha. Época dura, em que os interessados em Freud e suas teorias eram alvo de desprezo e reações outras mais agressivas, consequência do mesmo movimento de repulsa

que sofreram essas teorias em Viena, pelos motivos de todos conhecidos.

O Dr. Flávio Dias recorda então as dificuldades e agruras por que também passou o seu velho amigo e introdutor da psicanálise entre nós, Dr. Durval Marcondes. Foi êle uma das primeiras pessoas a se unirem a Durval Marcondes para, corajosamente, lutando contra a maré, fundarem mais tarde a Sociedade Brasileira de Psicanálise. A propósito do início desta amizade, do seu primeiro encontro com Durval Marcondes, relata um pitoresco episódio, quando, viajando de bonde, na Avenida Paulista, teve sua atenção despertada por um "jovem de ar preocupado, se não carrancudo", que se sentara ao seu lado. Êste jovem lia um livro sôbre psicanálise que se constituiu no primeiro elo de uma sólida amizade e também no início do movimento psicanalítico em São Paulo. O interêsse que o livro despertou no Dr. Flávio frutificou mais tarde com a fundação da nossa Sociedade. "No encontro providencial — conta o Dr. Flávio — a prosa se animou tanto que tenho a impressão que o nôvo amigo se esqueceu para onde ia e até o que tinha em mente fazer..."

E passa a falar dos tempos em que "nossos consultórios, quase vizinhos, favoreciam contatos e reuniões diárias para troca de idéias e consultas mútuas. Éramos por êste tempo apenas dois selvagens tranqüilos e felizes, em pleno esplendor de uma época selvagem da Psicanálise entre nós".

Relata também os primeiros tempos da "Psicanálise-vera", com a chegada da Dr.<sup>a</sup> Adelheid Koch e os incidentes pitorescos que pontuaram o período de aprendizado da língua pela nossa primeira analista didata, acontecimentos que passaram a fazer parte da história de nossa Sociedade. Referindo-se ao seu primeiro encontro com a Dr.<sup>a</sup> Koch, diz-nos Flávio Dias no seu estilo afetuosos: "Tive então a grande surpresa; vi também pela primeira vez êste fenômeno — uma analista de verdade. Muito jovem e risonha, recebeu-me com amplo e simpático sorriso. Conversava e falava já razoavelmente bem o português..."

Continuando no seu discurso em que tão agradavelmente nos conta a história da fundação de nossa Sociedade, Flávio relata o início da sua análise e também da Prof.<sup>a</sup> Virgínia Bicudo. Comenta a fundação da Sociedade de Psicologia e a maneira curiosa pela qual Mr. Philips ingressou na Psicanálise.

"Foi então que o Dr. Durval nos convidou para reuniões semanais em sua casa. Ali foram servidas as primeiras e substanciosas refeições psicanalíticas... Em tórno de uma grande mesa redonda, a primeira mesa psicanalítica... Associada à idéia de mesa, vem logicamente o da "voracidade" que "oscilava em duas direções: a dos livros e a mesa bem servida". Neste ponto, o orador se refere à "sedução e simpatia com que a D.<sup>a</sup> Herminda servia todos". "Isto jamais será por nós esquecido."

Dando-nos mais uma prova da sua grande capacidade de transformar em boas as circunstâncias adversas, Flávio nos conta como "o esplêndido isolamento em que vivíamos, e a que nos obrigavam a hostilidade e perseguição do meio, foi condição para que, reunidos e estudando intensamente, mantivéssemos a pureza das teorias e de métodos para a boa aplicação dos seus princípios, ao mesmo tempo em que fazia uma seleção espontânea de valores entre colegas integrantes do grupo". E acrescenta que essas mesmas condições adversas do princípio cimentaram as amizades entre os vários membros da incipiente sociedade, explicando porque entre nós há união e são raras, se não inexistentes, as dissenções.

Finalizando a história dos primórdios da Sociedade, Flávio focaliza a entrada de Mrs. Gill e o inesquecível Schlomann. E acrescenta que, "daí por diante, a consolidação da Psicanálise entre nós era uma questão de tempo". E de fato, como consequência do curso de aperfeiçoamento que Virgínia Bicudo fez na Inglaterra, surgiu o Instituto, sistematizando-se o ensino da nova ciência.

Terminando o seu discurso, verdadeira e amena documentação dos primeiros tempos da Sociedade Brasileira de Psicanálise, São Paulo, o nosso caro Flávio Dias se despede dos colegas, no mesmo tom afetoso, bem conhecido de todos nós. Sua retirada deixa uma lacuna que jamais será preenchida. Sua despedida vem justificar aquilo que dele diziam, quando se esforçava por saber mais da Psicanálise, antes de seu encontro com Durval Marcondes e as consequências que daí surgiram: "É um poeta..." De fato, o último contato oficial que tivemos com o nosso colega que se despedia foi um encontro emocionante, a despedida de um poeta.